

Krenaks insistem no despejo de posseiros

Cacique José Alfredo argumenta que a situação da reserva é de completa penúria

Luciene Takahashi
ENVIADA ESPECIAL

RESPLENDOR - As autoridades do Governo que chegam hoje para tentar adiar o despejo de 24 das 87 famílias que ocupam a área Krenak vão perder a caminhada. Os índios, que há mais de cinco décadas sonham com os quatro mil hectares livres dos produtores rurais, prometem escutar o que o procurador do Estado, Hindemburgo Chateaubriand Filho, o chefe da Procuradoria Regional do Estado e dos Direitos do Cidadão, Álvaro Ricardo de Souza Cruz e o superintendente da Polícia Federal em Minas, delegado Agílio Monteiro, têm a falar, mas os argumentos do cacique José Alfredo de Oliveira são fortes.

O cacique não duvida que os 24 posseiros são pobres e enfrentarão dificuldades para recomeçar a vida

em outro lugar - o prazo solicitado pelo Incra para o reassentamento dessas famílias é de seis meses. Porém, ele lembra que a situação das 22 famílias krenaks que vivem na reserva é quase de penúria. A área de 80 hectares em que vivem "espremidos" é pouca para o plantio e o gado - cerca de 150 cabeças - "está morrendo de fome por falta de pasto". O líder Krenak dirá, ainda, que mesmo sendo donos da terra, os índios têm sobrevivido basicamente da doação de cestas básicas pelo Governo.

Ele lembra os cerca de 200 krenaks que estão espalhados pelo Vale do Rio Doce, São Paulo e Mato Grosso. "Eles são donos, também, dessa terra e estão sofrendo por aí", afirma. "Esperamos todo esse tempo e ganhamos na Justiça. Não posso concordar com essa proposta."

IVALDO CAVALCANTI



Índios participam de manifestação contra violência em Brasília e lembram morte de Galdino

Operação da PF começa hoje

RESPLENDOR - A operação da Polícia Federal para retirar os 87 posseiros da área indígena Krenak, que começa na manhã de hoje, não será acompanhada pela tribo. Os índios dançaram, ontem, o "Oninpari". O canto da roda do fogo, em que pedem luz e força para vencer a batalha, mas só pretendem comemorar a vitória depois que a ação for concluída. Vários deles confiaram ter medo de represálias por partes dos fazendeiros. "Deus é quem vai tomar conta da gente", apela uma das mulheres identificadas por Maria Júlia.

Apesar de não terem sido ameaçados verbalmente por ninguém, eles afirmam não entender por que as pessoas estão com raiva deles. "Eles já nos tiraram daqui várias vezes e fomos felizes, rindo. Nos mandaram até para Machacalis

(Vale do Mucuri) dizendo que a gente não tinha direito a essa terra. Levamos 95 dias andando para voltar", conta Maria Júlia.

O cacique José Alfredo de Oliveira lembra que a mudança para Machacalis não foi a única vez que os krenaks foram obrigados a deixar a área. Em 1972, segundo ele, a tribo teve que se mudar para a Fazenda Guarani, no município de Carmésia. "Ficamos lá sete anos até descobrir que estavam enganando a gente, que essa terra aqui era nossa", reclama. O líder da tribo, que nasceu na reserva, recorda que quando eles retornaram só restavam os 80 hectares e muita cerca para impedi-los de retomar o que era deles. "As outras terras são frias, aqui é o nosso lugar", defende.

Manifestação contra violência reúne quase mil pessoas no DF

Luciana Verdolin
DA SUCURSAL

BRASÍLIA - Brasília se vestiu ontem de branco, quando quase mil pessoas participaram da manifestação contra a violência. A praça atrás do ponto de ônibus onde os cinco jovens da cidade colocaram fogo no índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, foi o palco da indignação popular. Crianças, jovens, idosos, sem-terra e índios, todos pediram paz e o fim da violência no país durante um culto ecumênico.

Representantes de dez tribos indígenas estiveram presentes

no protesto - a maioria pintada de vermelho, simbolizando o sangue do índio morto. A índia pataxó Anaiá Matos Souza lembrou que a discriminação no Brasil é antiga. "Mas agora não há mais como calar diante da violência contra o índio, taxados de burros e preguiçosos, e motivo de piada". Ela acredita que o assassinato de Galdino serviu para alertar o país sobre a real situação do índio. O cacique xavante Tomás Silva lembrou que é preciso tratar da demarcação das terras indígenas - foi este o motivo que levou Galdino a Brasília, quando foi assassinado - e cobrou a reno-

vação da Funai.

Assim como os povos indígenas, o Movimento dos Sem-Terra (MST) também foi pedir uma chance à paz. De acordo com o representante do MST, Oséias Nascimento Gomes, a violência contra os produtores rurais tem que acabar. Segundo ele, assim como Galdino Jesus dos Santos foi assassinado, no interior do país é "comum a morte de lavradores que lutam por um pedaço de terra". Os representantes do MST lembraram que continuam impunes os responsáveis pelo massacre de Eldorado dos Carajás, no Sul do Pará.

Confronto acaba em morte no Sul

LONDRINA - Um confronto na manhã de ontem entre sem-terra e seguranças da fazenda Borborema, em Tamarana, 343 km ao Norte de Curitiba, provocou a morte de uma pessoa e ferimentos em outras duas. A fazenda, de propriedade de Chafic Burian, foi invadida há 10 meses por 60 famílias de sem-terra. Segundo o administrador Jeremias Gonçalves, cerca de 20 sem-terra invadiram ontem de manhã a sede da fazenda e mataram José Lopes de Oliveira, 35, conhecido como "Django", com um tiro na cabeça. Edson Ricardo Sena, 22, teria sido espancado pelos sem-terra e recebeu um tiro na perna. Um trabalhador sem-terra, não identificado, também teria sofrido ferimentos na perna direita.

Os sem-terra negam a morte do segurança. Sena depôs ontem à noite ao delegado Nasser Salmen, plantonista da Subdivisão Policial de Londrina e foi liberado depois de exames de lesões corporais. Ele e "Django" faziam parte de um grupo de sete homens contratados ontem para retirar os sem-terra da fazenda Borborema, de 1.542 hectares. O proprietário da fazenda, Chafic Burian, tinha liminar da Justiça de reintegração de posse da área, não cumprido por acordo de trégua entre o Movimento dos Sem-Terra (MST) e a Sociedade Rural do Paraná.

Chafic Burian não foi localizado ontem em Londrina, onde mora. Josmar Choptian, da regional do MST em Londrina disse que o movimento só se posiciona quando tiver um quadro real do fatos.